

# POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL: *BULLYING* E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA

**Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes**

*Universidade Federal de São Carlos*

**Giovana Garcia Morato**

*Universidade Federal de São Carlos*

**Maria Fernanda Barboza Cid**

*Universidade Federal de São Carlos*

**Marina Speranza**

*Universidade Federal de São Carlos*

Recebido em: 04/01/2023

1ª revisão em: 08/02/2024

Aceito em: 22/03/2024

## RESUMO

O presente trabalho objetiva abordar, por meio de um relato de experiência, as possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional no campo da saúde mental infantojuvenil como, por exemplo, diante de situações de *bullying* e sofrimento psíquico vivenciados por adolescentes. Trata-se do relato de uma experiência vinculada a um projeto de ensino e extensão universitária, realizado em uma escola pública do interior do Estado de SP. As intervenções foram realizadas em três etapas: 1) Roda de conversa e compartilhamento com a equipe escolar; 2) Intervenção em sala de aula e 3) Acolhimento e acompanhamento das demandas emergidas nas etapas 1 e 2. Os resultados apontam que a ação desenvolvida auxiliou os adolescentes a reconhecerem suas potências, assim como a identificarem e lidarem com os fenômenos que lhes geram sofrimento. As estratégias adotadas caminham na direção do que tem sido sugerido e apontado pela literatura como possibilidade de atuação frente à temática do *bullying*, sendo a Terapia Ocupacional uma das profissões atuantes nesse campo.

**Palavras-chave:** terapia ocupacional; *bullying*; saúde mental; adolescente.

# **POSSIBILITIES OF OCCUPATIONAL THERAPY IN THE FIELD OF CHILDHOOD MENTAL HEALTH: BULLYING AND PSYCHIC SUFFERING IN ADOLESCENCE**

## **ABSTRACT**

The present work aims to address, through an experience report, the possibilities of Occupational Therapy in the field of child and adolescent mental health, for example, in situations of bullying and psychological suffering experienced by adolescents. This is the report of an experience linked to a teaching and university extension project, carried out in a public school in the interior of the State of SP. The interventions were carried out in three stages: 1) Conversation and sharing with the school team; 2) Intervention in the classroom and 3) Reception and monitoring of the demands that emerged in stages 1 and 2. The results indicate that the developmental action helped adolescents to recognize their strengths, as well as to identify and deal with the phenomena that cause them suffering. The strategies adopted move in the direction of what has been suggested and pointed out in the literature as a possibility of action in the face of bullying, with Occupational Therapy being one of the professions active in this field.

**Keywords:** occupational therapy; bullying, mental health; adolescent.

# **POSIBILIDADES DE LA TERAPIA OCUPACIONAL EN EL ÁMBITO DE LA SALUD MENTAL INFANTIL Y JUVENIL: BULLYING Y SUFRIMIENTO PSÍQUICO EN LA ADOLESCENCIA**

## **RESUMEN**

El presente trabajo pretende abordar, a través de un relato de experiencia, las posibilidades de la Terapia Ocupacional en el ámbito de la salud mental infanto-juvenil, por ejemplo, en situaciones de acoso escolar y sufrimiento psicológico que viven los adolescentes. Este es el relato de una experiencia vinculada a un proyecto de enseñanza y extensión universitaria, realizado en una escuela pública del interior del Estado de SP. Las intervenciones se realizaron en tres etapas: 1) Conversación y compartir con el equipo escolar; 2) Intervención en el aula y 3) Recepción y seguimiento de las demandas surgidas en las etapas 1 y 2. Los resultados indican que la acción evolutiva ayudó a los adolescentes a reconocer sus fortalezas, así como a identificar y afrontar los fenómenos que las provocan. sufrimiento. Las

estratégias adoptadas van en la dirección de lo sugerido y señalado en la literatura como una posibilidad de actuación frente al acoso escolar, siendo la Terapia Ocupacional una de las profesiones activas en este campo.

**Palabras clave:** terapia ocupacional; acoso escolar; salud mental; adolescente.

## INTRODUÇÃO

No campo da saúde infantojuvenil, o contexto escolar tem sido apontado como potencial para ações de promoção à saúde mental de adolescentes (:), pois, nas últimas décadas, o lugar da escola na sociedade vem se tornando mais complexo, principalmente quando o favorecimento da educação integral, comprometida com a cidadania é considerado (Souza, Mazak, Speranza, Fernandes & Cid, 2022). Aponta-se que o contexto escolar, em sua dinâmica de funcionamento, é fundamental para promover o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes, a partir dos processos de participação social, e, dessa forma, promove saúde mental, quando permite e cria espaços para reflexões cotidianas sobre as relações estabelecidas entre os vários atores envolvidos (crianças, adolescentes, famílias, educadores, coordenadores) e as diferenças que se evidenciam entre eles, se configurando em um espaço potencialmente inclusivo (; Souza et al., 2022).

A escola é um dos principais contextos de vida de crianças e adolescentes na atualidade, possuindo, assim, um caráter psicossocial relevante que deve ser assumido e explorado (Taño & Matsukura, 2020), porém, ressalta-se que alguns adolescentes têm encontrado dificuldade de acesso e permanência nesse contexto, sendo as questões relacionadas à saúde mental um dos fatores que contribuem com esse cenário de marginalização social (Taño & Matsukura, 2020). A título de exemplo, a literatura sinaliza que o contexto escolar continua sendo um espaço constante de reprodução da violência, como o *bullying*, sendo que este tem resultado em sintomas físicos, psicossomáticos, prejuízos sociais e sofrimento psíquico intenso para as vítimas (Pereira & Maciel, 2022).

Segundo a lei nº 13.185, decretada pelo Congresso Nacional em 6 de novembro de 2015 (Presidência da República, 2015), a qual instituiu o programa de combate à intimidação sistemática (*bullying*), considera-se *bullying* como:

todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Os adolescentes podem estar envolvidos de quatro formas nas situações de *bullying*, seja como o agressor (autor ou praticante), vítima (ou alvo),

vítima/agressor e testemunha. No que se refere às vítimas, elas podem apresentar algumas características em comum como, por exemplo, fragilidade emocional e física, sendo mais introvertidas, tendendo ao isolamento, uma vez que dificilmente apresentam habilidades para conseguir escapar dos conflitos (Smith, Del Barrio & Tokunaga, 2013).

É urgente a necessidade de se avançar na perspectiva de prevenção e minimização das situações de *bullying* na escola, fundamentadas no conceito de promoção da saúde e integralidade do cuidado (Pereira & Maciel, 2022) e, tendo isso em vista, arranjos intersetoriais entre o campo da educação e da saúde podem ser estratégicos no que se refere à promoção da saúde mental e a prevenção de situações de agravos nesse âmbito no contexto escolar, contribuindo também para o engajamento dos adolescentes nas atividades escolares (Taño & Matsukura, 2020).

A partir de um estudo de revisão da literatura sobre *bullying*, identifica-se que há uma lacuna quanto à produção de conhecimento sobre processos de enfrentamento e manejo desta problemática, (Pereira & Maciel, 2022). Assim, há a necessidade de a equipe escolar desenvolver estratégias que constem no Projeto Político Pedagógico da escola, para que sejam viabilizadas/planejadas ações sistemáticas e intencionais que produzam relações mais solidárias, justas, cooperativas e respeitadas entre os adolescentes, e entre estes com os diferentes atores que compõem esse cenário (Frick, Menin & Tognetta, 2019).

Entretanto, evidencia-se uma tendência das situações de *bullying* serem resolvidas pelas instituições de ensino de forma pontual e pouco efetiva, seja por meio de palestras sobre o tema (com pouca ou nenhuma participação ativa dos adolescentes para discussão e problematização do assunto), estratégias de punição para os agressores, ou até mesmo denúncias aos Ministérios Públicos brasileiros, uma vez que a agressão é considerada um ato infracional (Frick et al., 2019). Ao contrário disso, um trabalho intersetorial entre família, escola e profissionais especializados possibilitaria a implementação de intervenções efetivas diante das situações de *bullying*, assim como seria possível propor estratégias de promoção e prevenção no contexto escolar (Delgado, 2023).

Aponta-se, aqui, a Terapia Ocupacional como um dos atores com potencial para compor estas ações, levando-se em conta a atuação deste profissional no campo da saúde mental infantojuvenil, a qual transita por diversos setores de assistência a essa população e reconhece a complexidade das dinâmicas relacionais, contextuais e socioculturais no processo do sofrimento psíquico. A Terapia Ocupacional no campo da saúde mental tem como base de sustentação teórico-prática a Atenção Psicossocial, sendo a composição de redes e a intersetorialidade, estratégias primordiais para o cuidado a crianças e adolescentes em sofrimento psíquico (Taño & Matsukura, 2020). Aponta-se, todavia, que na literatura são recentes as publicações sobre a atuação do terapeuta ocupacional na saúde mental infantojuvenil, sendo importante ainda reafirmar e consolidar saberes e práticas

nos moldes da Atenção Psicossocial (Bueno, Almeida, Sales & Salgado, 2021; Shimoguri & Costa-Rosa, 2017).

A partir deste dimensionamento, o presente trabalho objetiva abordar, por meio de um relato de experiência, as possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional diante de situações de *bullying* e sofrimento psíquico vivenciados por adolescentes.

## MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de parte das ações desenvolvidas em um projeto de ensino e extensão universitária sobre intersectorialidade e saúde mental infantojuvenil. Observa-se que este projeto se vincula ao Laboratório de Terapia Ocupacional e Saúde Mental – Lafollia, sendo uma das atividades que teve como objetivo sustentar e fortalecer um campo pouco explorado no ensino, pesquisa e extensão na terapia ocupacional. Sendo assim, a ideia deste relato é apresentar a partir da perspectiva de terapeutas ocupacionais, possibilidades de atuação em um campo ainda em desenvolvimento na profissão, a partir do referencial teórico-metodológico da atenção psicossocial, o qual tem como premissa o trabalho interdisciplinar e intersectorial, tal como é contextualizado no presente estudo.

Este projeto foi proposto a partir dos relatos de *bullying* vivenciados por uma adolescente em sofrimento psíquico, acompanhada pelo setor de Terapia Ocupacional de uma clínica-escola, vinculada a uma universidade pública localizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Ressalta-se que para construção deste relato de experiência foram seguidas as diretrizes éticas propostas na Resolução CNS 510/2016, de 07 de abril de 2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016), a qual aponta no parágrafo único do Art. 1º que não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização. Nessa direção, compreende-se não ser preciso a anuência do CEP, uma vez que a presente proposta se caracteriza como um relato de experiência das autoras, que emergiu após a prática profissional (atividade de ensino e extensão) de graduandos e pós-graduandos, que não identifica os atores envolvidos, não apresenta falas ou relatos, assim como, desde seu início não tinha como finalidade se tornar uma pesquisa científica.

A escola onde o projeto foi desenvolvido é pública, estadual, de ensino fundamental e médio, inaugurada em 2014, em uma das regiões periféricas do município.

Para dar início às atividades do projeto, foi realizado um planejamento com a equipe extensionista (3 alunas de graduação, 1 de pós-graduação e as docentes/coordenadoras). Frente a isso, as atividades foram iniciadas em 2016 e desenvolvidas ao longo de um semestre, mensalmente, a partir de um processo que envolveu três etapas conforme apresentadas a seguir:

1. Roda de conversa e compartilhamento com a equipe escolar (15 professores e três gestores): foram realizados três encontros com a equipe escolar, durante os quais as temáticas do *bullying* e saúde mental foram abordadas, as dúvidas sobre a adolescência e o sofrimento psíquico foram esclarecidas, e orientações pontuais relativas às dificuldades trazidas pelos professores e gestores neste âmbito realizadas.

2. Intervenção em sala de aula: foi realizada uma intervenção pontual em uma sala de aula do 1º colegial, com 30 alunos presentes, objetivando discutir e promover processos reflexivos sobre as temáticas: saúde mental, sofrimento psíquico, respeito ao próximo, tolerância e *bullying*. Nessa etapa, foi proposta uma dinâmica e, posteriormente, a equipe do projeto convidou os alunos a refletirem sobre as temáticas supracitadas.

3. Acolhimento e acompanhamento das demandas: foi feito o acolhimento e orientação a nove estudantes que procuraram pela equipe do projeto, sendo alguns casos encaminhados para a rede de assistência à saúde do município e em outros foi necessário realizar uma escuta qualificada em momentos posteriores previamente agendados com a equipe escolar.

Aponta-se que durante a realização dessas etapas, além dos encontros semanais da equipe do projeto de extensão para planejamento e avaliação contínua das ações em implementação, foi adotado o diário de campo para registro das informações e dos encontros com a equipe escolar e alunos.

Por se tratar de um relato de experiência a partir da perspectiva e vivência da prática profissional das autoras, assim como, a ideia inicial não foi desenvolver uma pesquisa científica, não será apresentado a caracterização, imagens ou extratos/trechos da fala dos atores envolvidos nesta ação.

## RESULTADOS

### ETAPA 1: RODA DE CONVERSA E COMPARTILHAMENTO COM A EQUIPE ESCOLAR

A primeira intervenção consistiu em abordar com os gestores (dois coordenadores e a diretora) sobre o projeto e as demandas presentes no cotidiano da escola. Durante o encontro foi identificado que os mesmos apresentavam dificuldades em compreender a saúde mental dos adolescentes, o sofrimento psíquico e reconhecer episódios de *bullying*. Nesse sentido, alguns aspectos relativos ao

campo foram esclarecidos a fim de sensibilizar, informar e instrumentalizar esses profissionais.

Aponta-se que este primeiro encontro foi bastante desafiador, pois no início foi necessário convidar os participantes a desconstruir estereótipos, refletir sobre as diferentes formas de manifestação do sofrimento psíquico, uma vez que apresentaram um discurso culpabilizador e patologizante referente aos estudantes que vivenciavam o *bullying* e suas famílias, sendo, estas últimas, criticadas por, por exemplo, não imporem limites e regras de acordo com a compreensão dos gestores da escola do que seria a melhor forma de educar os adolescentes. No segundo encontro foi realizado uma roda de conversa com todos os professores da escola em horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), sendo novamente explorado o campo da saúde mental infantojuvenil, de forma que foi possível diferenciar a doença mental do sofrimento psíquico, os desafios e diferentes formas de sofrimento na adolescência, assim como, o próprio fenômeno do adolescer, a partir de uma lente ampliada, envolvendo aspectos biopsicossociais e, por fim, o conceito de *bullying* e as implicações para a saúde mental. Nesse encontro, os professores puderam se aproximar da temática, tiraram dúvidas sobre o conteúdo apresentado e compartilharam diferentes situações que presenciavam em sala de aula, tais como, os conflitos no relacionamento entre os adolescentes, crises de ansiedade recorrentes entre os alunos durante a aula, dificuldade em estabelecer diálogo e parcerias com as famílias e o desconhecimento sobre a rede de cuidados existente no município. Foi abordado também sobre as estratégias que poderiam ser adotadas diante de episódios de *bullying* - como, por exemplo, o acolhimento das demandas dos alunos vítimas de *bullying* - assim como ações de prevenção, como a proposição de ações e atividades em sala de aula que abordam a temática; incentivo à comunicação positiva, não violenta, tendo como princípio o respeito, tolerância, diversidade; e o compartilhamento das situações que presenciavam em sala de aula com a equipe escolar, visando criar estratégias coletivas de enfrentamento e de promoção de um clima escolar positivo com prevenção da violência. A partir desse encontro dois professores se colocaram à disposição para contribuir com o projeto e procuraram pela equipe buscando auxílio em outras situações específicas.

Já o terceiro encontro foi realizado novamente com os gestores, a fim de pensar, discutir e planejar a intervenção da Terapia Ocupacional junto a uma das salas de aula de ensino médio, eleita pela equipe de professores, para vivenciar um processo de sensibilização sobre a temática, considerando as demandas de saúde mental e situações de *bullying* identificadas naquele contexto. Aponta-se que nesta sala em específico, havia uma aluna em sofrimento psíquico intenso, diante do quadro de transtorno obsessivo compulsivo. Os educadores elegeram essa sala para a atividade considerando que a aluna vinha sofrendo episódios recorrentes de *bullying*, assim como, havia conflitos diários com colegas e professores que não sabiam manejar uma situação de crise.

Assim, foi proposta uma intervenção em uma sala de aula - que será apresentada na Etapa 2 - bem como o coordenador se disponibilizou a organizar e desenvolver algumas ações que envolvessem todos os alunos como palestras, atividades com o grêmio estudantil, entre outras.

Além disso, buscou-se nesse último encontro identificar, no contexto escolar, alguns atores que poderiam contribuir em determinadas situações, mediando conflitos, reconhecendo as demandas e dando apoio quando necessário. Dessa forma, quatro pessoas foram acionadas, sendo elas dois funcionários de apoio no intervalo, o coordenador da escola e uma professora, uma vez que foram identificadas como pessoas disponíveis e que possuem vínculo positivo com os alunos.

## **ETAPA 2: INTERVENÇÃO COM OS ALUNOS**

Para a intervenção com os alunos em sala de aula, a equipe do projeto utilizou do horário de aula de uma das professoras que se disponibilizou e se envolveu com a temática. Sendo assim, o encontro foi organizado da seguinte maneira – apresentação da equipe, dinâmica grupal em roda com os alunos, discussão/reflexão coletiva. A atividade teve duração de duas horas.

Após a apresentação da equipe do projeto, os alunos foram convidados a formarem uma roda e vivenciarem uma dinâmica grupal, a qual consistia em escrever em um papel um desafio para o colega ao lado realizar, mas o mesmo não poderia saber qual seria. Foi informado também que cada adolescente teria um momento próprio para revelar o desafio. Assim que todos os alunos terminaram de escrever e aguardavam para iniciar os desafios, foi revelado pela equipe do projeto que, na realidade, cada indivíduo iria desempenhar o seu próprio desafio. Aponta-se que o conteúdo presente nos papéis variaram, porém, de modo geral, os alunos escreveram desafios que envolviam dançar ou cantar alguma música no meio da roda, imitar algum animal, realizar determinado movimento considerado “estranho” com o corpo, dentre outros.

Ressalta-se que esta dinâmica foi utilizada pelas profissionais como uma estratégia de disparar um processo reflexivo, e também para facilitar a participação dos adolescentes na intervenção proposta, por abranger outras formas de participação e expressão, sem ser por meio da fala. O objetivo foi envolver os alunos, considerando a própria faixa etária da adolescência, que demanda, na perspectiva das profissionais, de atividades que sejam mais atrativas para despertar o interesse e a motivação para o engajamento nas reflexões propostas.

A partir da dinâmica, foram disparadas reflexões e discussões em grupo sobre as temáticas que perpassam a questão do *bullying*, sofrimento psíquico, saúde mental, tolerância, respeito, e ressaltar a importância da empatia para a construção de relacionamentos interpessoais saudáveis no contexto escolar.

Durante a discussão em grupo, após a realização da dinâmica, os adolescentes verbalizaram que se sentiram incomodados por terem que realizar o próprio desafio, e também relataram que conseguiram compreender a importância de se colocar no lugar do outro. Em meio à discussão, os próprios adolescentes discorreram sobre as dificuldades de relacionamento que enfrentavam com seus pares e alguns chegaram a mencionar diferentes episódios de *bullying* presenciados em sala de aula.

A equipe do projeto convidou os alunos a discutirem sobre as situações abordadas. Nessa perspectiva, a equipe do projeto levantou uma reflexão a respeito do que seria sofrimento psíquico, *bullying*, e convidou a turma a pensar/elaborar estratégias para resolver, de forma mais satisfatória e empática entre os envolvidos, o conflito em questão. Diante da situação, foram trabalhadas as possibilidades para identificar e prevenir situações conflituosas, destacando as consequências oriundas da falta de compreensão e tolerância por parte dos colegas às vítimas de *bullying*.

Antes de finalizar as atividades propostas, a equipe solicitou que os alunos realizassem uma avaliação do encontro, sendo que, de forma geral, os adolescentes o avaliaram de forma positiva e afirmaram ter compreendido/refletido sobre diversas questões, tanto sobre aquelas relacionadas às dificuldades que podem surgir no contexto escolar, quanto sobre aquelas que dizem respeito às subjetividades de cada indivíduo.

Ao final, alguns adolescentes procuraram a equipe do projeto individualmente se colocando disponíveis para contribuir com o mesmo e auxiliar na mediação dos episódios de *bullying* e sofrimento psíquico presentes no contexto escolar. Ainda, sensibilizados pelo encontro, trouxeram individualmente a própria vivência de sofrimento psíquico, solicitando ajuda das profissionais do projeto, as quais marcaram um novo encontro com esses adolescentes para acolher suas demandas.

### **ETAPA 3: ACOLHIMENTO E ACOMPANHAMENTO DAS DEMANDAS**

A partir das Etapas 1 e 2 alguns alunos e profissionais da escola procuraram a equipe do projeto em razão de algumas demandas pessoais. Sendo assim, foi necessário acolher e acompanhar, ainda que pontualmente, nove escolares em encontros individuais, nos quais, além do acolhimento, a escuta qualificada e orientações foram realizadas. Ademais, em alguns casos foi necessário encaminhar para a rede de assistência à saúde do município.

Diante de algumas situações compartilhadas com a equipe como, por exemplo, o contexto de vulnerabilidade social a que pertencem as famílias, o preconceito, a violência vivenciada em diferentes contextos de inserção, conflitos familiares, insegurança e perspectivas futuras, *bullying* e sofrimento psíquico associado a pensamentos suicidas e comportamentos autolesivos., foi necessário acionar a coordenação da escola visando pensar em estratégias e ações internas e intersetoriais que poderiam ser adotadas pela escola. Dentre as estratégias foi

preciso acionar reuniões com os pais, convidar as famílias para participarem das atividades coletivas que acontecem regularmente na escola, acionar o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Centro de Atenção Psicossocial (CAPSij) e a Unidade de Saúde próxima a residência.

Evidencia-se, nesta etapa, a importância e necessidade de se aproximar dos escolares, uma vez que a partir de uma atividade coletiva (Etapa 2) e da disponibilidade da equipe do projeto para o diálogo, instaurou-se, entre os escolares participantes, um movimento de busca espontânea por espaços de fala e trocas com o intuito de obter apoio, compartilhar suas dificuldades e lidar com o sofrimento vivenciado.

Destaca-se que, por meio destas ações, a equipe escolar também passou a se responsabilizar pelas demandas presentes naquele contexto, não só se aproximando dos alunos e familiares, como também identificando necessidades e propondo estratégias que favorecessem o desenvolvimento, a saúde mental, a inclusão e permanência dos mesmos na escola.

## DISCUSSÃO

Verificou-se, a partir do presente relato, que as dificuldades relativas ao sofrimento psíquico no contexto escolar se fazem presentes de formas diversificadas, seja por meio das dificuldades individuais dos adolescentes, envolvendo autoestima, problemas familiares, aprendizagem, construção de projetos de vida, seja por meio de relacionamentos conflituosos, os quais podem culminar em processos de violência escolar, como o *bullying*. Tendo isso em vista, aponta-se para a necessidade de maiores reflexões sobre temáticas, como saúde mental, se fizerem presentes no contexto escolar, ao passo em que a escola possui papel central no cotidiano dos adolescentes, favorecendo (ou não) as experimentações das relações sociais, o reconhecimento e o exercício das potências individuais, a aprendizagem, assim como as vivências de sofrimento psíquico.

No que se refere especificamente ao *bullying*, aponta-se que este se revela como um fenômeno contemporâneo e emergente, principalmente, na última década, de forma que, assim como identificado na Etapa 2 do presente estudo, se faz necessário reconhecer a urgência de maiores reflexões e estratégias de intervenção que possam contribuir para o combate a essa violência no contexto escolar, pois as consequências são graves, alarmantes e resultam em comprometimentos e uma série de prejuízos de curto e longo prazo como, por exemplo, evasão escolar, dificuldades de aprendizagem, sofrimento psíquico, dificuldade nas relações sociais, baixa autoestima e risco de suicídio (Zequinão, Medeiros, Pereira, & Cardoso, 2016).

Como agravante a esta situação, os resultados da Etapa 1 deste relato sinalizam para a falta de conhecimento, despreparo e até preconceito da equipe escolar diante de situações que abarcam a saúde mental e o *bullying*, ainda que se tenha

claro a importância da escola enquanto espaço social que funciona como instrumento democratizante, com papel decisivo no processo de formação da cidadania. Sabe-se que quando se tratam das situações de *bullying* os profissionais da equipe escolar apresentam muitas dificuldades em lidar com essas demandas (Zequinão et al., 2016; Botelho, Gomes, Nornberg, Figueiredo, Gomes & Oliveira, 2022), mesmo que a Lei nº 13185 (Presidência da República, 2015) que instituiu o Programa de Combate ao Bullying, aponte em seu Art. 5 que é dever da escola criar e desenvolver medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*). Ao que parece, é preciso avançar nas estratégias, reflexões, discussões sobre a temática e que se efetive na prática o que tem sido proposto politicamente.

Corroborando com essa discussão, a partir de uma pesquisa realizada com doze professores de um município do Sul do Brasil, os autores identificaram que ainda que os educadores compreendam sobre o fenômeno do *bullying*, os mesmos carecem de ser orientados sobre como agir para prevenir e coibir esse tipo de ação (Botelho et al., 2022)

Em estudo realizado com 409 crianças e adolescentes entre 8 e 16 anos, e que objetivou descrever como ocorre o *bullying* em escolas em grande vulnerabilidade social em Florianópolis e os papéis assumidos pelos alunos, identificou-se que, no que tange aos professores e funcionários, estes tendem a ser omissos perante a violência entre os alunos, favorecendo, dessa forma, a ocorrência do *bullying*. Além disso, os funcionários são os que mais intervêm nessas situações, quando comparado aos professores, e o *bullying* ocorre não apenas pela inexistência de intervenção ou supervisão, mas principalmente pela frágil relação construída entre alunos e equipe escolar (Zequinão et al., 2016).

Em uma pesquisa cartográfica, que objetivou compreender a produção subjetiva do cuidado a um adolescente vítima de *bullying*, os resultados apontaram que a escola tem utilizado de estratégias pontuais em relação aos episódios de *bullying*, de forma a não alcançar a dimensão psíquica do sofrimento da vítima e, de forma paradoxal, em alguns momentos a escola também se torna produtora de sofrimento (Pigozi, 2018). Segundo o participante desta pesquisa cartográfica, as estratégias adotadas pela equipe escolar restringem-se à conversa da direção com o agressor depois da ocorrência do episódio, de modo que quando se trata dos professores, estes parecem não estar preparados, encaminhando o problema para alguma instância superior (Pigozi, 2018).

Assim, destaca-se que na Etapa 1, a equipe escolar pode experimentar espaços de reflexão sobre sofrimento psíquico, violência escolar e *bullying*, o que tende a contribuir para proposições e estratégias futuras. Assim, é possível sugerir que a relação sinérgica entre escola - enquanto dispositivo que atribui aos jovens um papel, uma função e que ao mesmo tempo lhes oferece espaço de formação, desenvolvimento e sociabilidade; adolescência - com suas características individuais/singulares acrescidas daquelas inerentes a esta etapa do ciclo de vida

e situações de *bullying* resulta em vivências individuais e coletivas que solicitam intervenções de profissionais que olhem para cada uma destas instâncias em suas particularidades, mas também para o produto da interação entre elas, o que certamente impõe ações que se deem de forma intersetorial.

As estratégias intersetoriais, como a intervenção relatada no presente estudo, entre o campo da saúde e da educação potencializam o cuidado à saúde mental dessa população, uma vez que abre-se um caminho possível para a construção e articulação com diferentes contextos nos quais os adolescentes se inserem, potencializando e instrumentalizando professores e coordenadores para lidar com as questões de saúde mental dos alunos, assim como promovendo a corresponsabilização do cuidado a estes indivíduos (Taño & Matsukura, 2020).

Corroborando com a literatura (Frick et al., 2019) no que se refere ao desenvolvimento de estratégias de enfrentamento do *bullying* no Projeto Político Pedagógico das escolas, ressaltamos que categorias profissionais que atuam no campo da saúde mental infantojuvenil, como a Terapia Ocupacional, podem compor com a construção desse projeto, em parceria com a escola, de modo a estruturar e sistematizar estratégias de enfrentamento do *bullying* justamente por compreender em que medida vivências violentas como o *bullying* comprometem o desenvolvimento socioemocional desta população, afetando seu potencial de participação social e cidadania, bem como de desempenho de ações e atividades cotidianas que qualifiquem a vida destes sujeitos de maneira satisfatória.

Importa refletir neste contexto sobre o potencial interventivo da Terapia Ocupacional junto a esta população no âmbito da escola, posto que esta profissão traz em seu cerne a importância de viabilizar aos sujeitos acompanhados o desenvolvimento de habilidades, capacidades e condições de vida que lhes possibilitem agir no mundo por meio de fazeres diversos, seja no âmbito das relações interpessoais - exercendo papéis e funções, seja no âmbito do acesso - transitando por espaços sociais nos quais se desempenhem funções ou no do pertencimento e conseqüente participação social. Isso significa que auxiliar jovens escolares a se reconhecerem como sujeitos de direitos, com qualidades, potências e mesmo a reconhecerem e lidarem com os fenômenos que lhes geram sofrimento - seja em função de características individuais, fragilidades no âmbito familiar/social ou mesmo como resultado de experiência de *bullying*, tal como foi proposto nas diferentes Etapas deste relato - traduz função e meta importantes da Terapia Ocupacional, posto que, em última instância, a vida ativa, coletiva e significada por meio do fazer dos sujeitos revelam-se pilares de sustentação da profissão (Souza et al., 2022).

Ainda sobre a construção dessas estratégias, destaca-se que, para além do preparo dos profissionais e ações intersetoriais, uma das alternativas para redução do *bullying* seria o fortalecimento das relações entre profissionais da escola e alunos, visando minimizar os efeitos dos fatores de risco a que estes alunos estão expostos (Zequinão et al., 2016), assim como foi possível identificar a partir das ações

desenvolvidas nas três Etapas. Por meio das ações propostas, a equipe escolar também passou a se corresponsabilizar pelas demandas presentes naquele contexto, se aproximando dos alunos e familiares, reconhecendo as necessidades individuais e coletivas, e propondo estratégias que favorecessem o desenvolvimento, a saúde mental, a inclusão e permanência dos mesmos na escola.

Nessa perspectiva, alguns autores sugerem a necessidade de se abrir espaço, na escola, para a expressão e participação das infâncias e adolescências, em ações e programas que favoreçam a promoção de um clima escolar positivo, que sejam contextualizados com as vivências, singularidades, diferenças socioculturais e as subjetividades dos sujeitos (Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques et al., 2016; Zequinão et al., 2016).

O clima escolar é composto por percepções individuais elaboradas a partir de um contexto real comum. Trata-se de uma “personalidade coletiva”, que reflete a atmosfera de uma escola, determinando a qualidade de vida e a produtividade dos docentes, alunos, e permitindo o conhecimento da moral que permeia as relações sociais (Vinha et al., 2016).

Nessa direção, o clima escolar corresponde aos sentimentos e percepções de um coletivo diante da organização, da estrutura pedagógica e administrativa da escola, além das relações humanas que acontecem nesse espaço. Quando positivo, é fundamental para o bom funcionamento da escola, quando negativo, representa um fator de risco e contribui com o mal-estar dos alunos e para o surgimento da violência (Vinha et al., 2016).

Quanto à saúde mental dos escolares, torna-se evidente a relação entre a promoção da saúde mental no contexto escolar com as estratégias de enfrentamento do *bullying*, na medida em que o desenvolvimento de um clima escolar positivo, bem como o aumento da participação dos adolescentes no espaço escolar, favorece a autoestima desses indivíduos, o sentimento de pertença a esse contexto, bem como a motivação para o engajamento em atividades escolares (Speranza, Mazari & Magalhães et al., 2023).

Para além das estratégias desenvolvidas em parceria com os professores e coordenadores, destaca-se que as ações com os adolescentes são muito potentes, no sentido de ouvi-los e estimulá-los a refletir a respeito de suas próprias demandas e percepções. Isso inclusive ficou evidente na Etapa 2 e 3 do presente relato, posto que a vivência pelos jovens de uma dinâmica levada pelo grupo de extensão universitária não só produziu movimento no grupo em direção a questionamentos e análises mais individuais, como também mobilizou alguns jovens a buscarem ajuda, suporte para si próprios ou para os colegas. Nesse sentido, para a Terapia Ocupacional, intervenções que possibilitem reflexões que conduzam os sujeitos ao engajamento em atividades importantes para a própria vida - sejam estas relativas à assunção de papéis sociais, à concretização de desejos e/ou projeto de vida - exemplificam a concretização de objetivos desta profissão (Shimoguirí, Costa-Rosa, 2017; Souza et al., 2022).

No âmbito da Terapia Ocupacional, o presente relato de experiência buscou evidenciar as contribuições oriundas deste núcleo profissional, a partir do cotidiano vivenciado pelos mesmos, já que intervir na dinâmica escolar (e na dinâmica dos distintos poderes “ocultos” em jogo) enquanto uma “identidade social” destinada aos adolescentes - neste caso - e que congrega diversos atores sociais (adolescentes, professores, coordenadores, familiares e comunidade) é também uma forma de auxiliar os estudantes no desenvolvimento de papéis sociais, no engajamento em atividades significativas, bem como no exercício de cidadania. Em última instância esse auxílio reflete o compromisso da profissão com a promoção da saúde mental, bem como seu compromisso com os pressupostos da Atenção Psicossocial (; Souza et al., 2022).

Observa-se, a partir dos resultados da presente pesquisa, que as estratégias adotadas caminham na direção do que tem sido sugerido e apontado pela literatura como possibilidade de atuação frente à temática do *bullying*, tanto no sentido da formação dos profissionais da equipe escolar no que se refere a essa temática, como também na prevenção desses episódios e atuação dos mesmos em situações já vivenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o estudo apresente limites, por se tratar de um relato de experiência a nível local e, portanto, de uma realidade com características singulares, os resultados avançam ao indicar que a Terapia ocupacional, no campo da saúde mental infantojuvenil, pode propor ações e estratégias intersetoriais, a partir da intervenção com diferentes atores e contextos, como a escola, na perspectiva do que tem sido proposto pela Atenção Psicossocial.

A partir dos resultados apresentados, considera-se que a Terapia ocupacional pode auxiliar os jovens escolares a identificarem suas qualidades, potências, assim como seus direitos. Além disso, contribui para que os mesmos reconheçam e lidem com os fenômenos que lhes geram sofrimento, de forma a instrumentalizar e responsabilizar diferentes atores na proposição de um trabalho coletivo visando favorecer a inclusão social e qualidade de vida dos sujeitos.

Destaca-se a importância e necessidade de maiores reflexões sobre a temática do *bullying* no contexto escolar, suas consequências na vida dos jovens e as possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional, uma vez que tem sido tema emergente e urgente no contexto atual, devido à gravidade e impactos sociais gerados.

## REFERÊNCIAS

- Botelho, E. L., Gomes, G. C., Nörnberg, P. K. de O., Figueiredo, T. R., Gomes, L. C., & Oliveira, S. M. (2022). Teachers' perception of bullying at school: implications for nursing practice. *Research, Society and Development*, 11(16), e591111638564. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38564>

- Bueno, K. M. P., Almeida, S. C., Sales, M. M., & Salgado, M. F. (2021). Práticas de terapia ocupacional na rede de saúde mental da criança e do adolescente. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2877. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO217>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº510/2016*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Delgado, M. G. (2023). *A colaboração entre professores e equipes multiprofissionais no processo de inclusão escolar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.
- Frick, L. T., Menin, M. S. S., Tognetta, L. R. P. & Del Barrio, C. (2019). Estratégias antibullying para o ambiente escolar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(3), 1152-1181. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v14i3.12380>
- Pereira de Albuquerque, A., & Maciel, S. (2022). BULLYING ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Revista Contexto & Educação*, 37(117), 186-198. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.117.12877>
- Pigozi, P. L. (2018). A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. *Psysis: Revista de Saúde Coletiva*, 28(3), e280312. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312018280312>
- Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2015). *Lei nº.13.18, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Brasília, DF. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13188.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13188.htm)
- Shimoguiri, A. F. D. T., & Costa-Rosa, A. (2017). Do tratamento moral à atenção psicossocial: a terapia ocupacional a partir da reforma psiquiátrica brasileira\*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 845-856. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.020>
- Smith, P. K., Del Barrio, C. & Tokunaga, R. (2013). Definitions of bullying and cyberbullying: How useful are the terms? In: S. Bauman, J. Walter, D. Cross (Eds), *Principles of cyberbullying research: Definition, methods, and measures* (pp. 64-86). New York: Routledge.
- Souza, T. T., Mazak, M. S. R., Speranza, M., Fernandes, D. S. A. F. & Cid, M. F. B. (2022). A terapia ocupacional na promoção da saúde mental de adolescentes de uma escola pública. *Revista Família, Ciclos de Vida, Saúde, Contexto e Sociedade*, 10(2), 388-398. <https://doi.org/10.18554/refacs.v10i2.6152>
- Speranza, M., Mazari, A. F., Magalhães, L., Cid, M. F. B. (2023). Sentimento de pertença e a saúde mental de adolescentes: uma revisão de escopo. *Revista Psicologia, Saúde & Doença*, 24 (2), 779-793. <https://doi.org/10.15309/23psd240230>
- Taño, B. L., & Matsukura, T. S. (2020). Compreensões e expectativas de educadores sobre saúde mental de crianças e adolescentes. *Cadernos Brasileiros e Saúde Mental*, 12(31), 166-192.
- Vinha, T. P., Morais, A., Tognetta, L. R. P., Azzi, R. G., Aragão, A. M. F., Marques, C. A. E, et al. (2016). O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas. *Estudos em Avaliação Educacional*, 27(64), 96-127. <http://dx.doi.org/10.18222/eae.v27i64.3747>
- Zequinão, M. A., Medeiros, P., Pereira, B. & Cardoso, F. L. (2016). Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, 42(1), 181-198. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>

## CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

## SOBRE OS AUTORES

Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes é Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (PPGTO). Tem graduação em Terapia Ocupacional pela UFSCar (2011), mestrado (2014) e doutorado (2019) em Terapia Ocupacional pelo PPGTO. e-mail: amandafernandes@ufscar.br.

 <https://orcid.org/0000-0001-8006-8117>

Giovana Garcia Morato é Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (PPGTO). Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (2011), Mestre (2014) e Doutora (2019) em Terapia Ocupacional pelo PPGTO. e-mail: giovanagarciamorato@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0001-8886-9541>

Maria Fernanda Barboza Cid é professora associada do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (PPGTO-UFSCar). Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (2001), mestrado (2008) e doutorado (2011) em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos e Pós-Doutorado em Educação Inclusiva pela Universidade de Vigo/Espanha (2018). É e-mail: mariafernanza@ufscar.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-0199-0670>

Marina Speranza é Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP. Mestre e Doutoranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar. e-mail: speranza.marina@gmail.com.

 <http://orcid.org/0000-0003-1186-1386>